

# Religião e linguagem: Aproximações entre Paes Loureiro e Jurij Lotman

*Religion and language:  
Approximations between Paes Loureiro and Jurij Lotman*

*Hirlan Hermes Monteiro da Costa*

## Resumo

O presente artigo busca explicitar algumas características do escopo teórico no qual se enquadram as reflexões do poeta, professor e teórico paraense João de Jesus Paes Loureiro, assim como fundamentar alguns conceitos que guiaram a construção de minha dissertação de mestrado em torno do pensamento teórico do paraense. Em síntese, almeja-se contextualizar o pensamento dele em um panorama científico que discute sobre categorias intrínsecas à experiência linguística do ser humano, onde se destaca, especialmente, a semiótica soviética, que não só foi articulada pelo poeta a partir de expoentes do Círculo Linguístico de Praga, como Roman Jakobson e Jan Mukarovsky, por exemplo, mas também pode ser melhor entendida em comparação com a semiótica da cultura desenvolvida por Jurij Lotman. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cujo *corpus* é constituído, principalmente, pela obra do russo “The Structure of the Artistic Text”, de 1977, e das obras do paraense “Cultura Amazônica: uma Poética do Imaginário”, de 1994, e “A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura”, de 2007. O objetivo é expor elementos para uma comparação das teorizações de ambos os autores, de modo que evidencie a proficiência dessa aproximação, especificamente, para a investigação da religião como linguagem.

**Palavras-chave:** Semiótica. Cultura. Religião. Linguagem.

## Abstract

This article aims to explain some characteristics of the theoretical scope in which the reflections of the poet, professor, and theorist from Brazil, Pará, João de Jesus Paes Loureiro fit in, as well as to substantiate some concepts that guided the construction of my master's thesis around his theoretical thinking. Thus, his thought is also contextualized in a scientific panorama that discusses categories intrinsic to the linguistic experience of the human being, where Soviet semiotics stands out, which was not only articulated by the poet from exponents of the Circle Prague linguistics like Roman Jakobson and Jan

Mukarovsky, for example, but can also be better understood in comparison with the semiotics of culture developed by Jurij Lotman. Therefore, this article consists of bibliographical research, whose *corpus* is mainly made up of the work by the Russian “The Structure of the Artistic Text”, from 1977, and the works by the Pará native “Cultura Amazônica: uma Poética do Imaginário”, from 1994, and “A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura”, from 2007. The objective is to expose elements for a comparison of the theories of both authors, in a way that highlights the usefulness of this proximity, specifically, for the investigation of religion as language.

**Keywords:** Semiotics. Culture. Religion. Language.

## Introdução

Em minha dissertação de mestrado realizei uma reconstrução das teorias do autor João de Jesus Paes Loureiro em torno de uma compreensão da religião e, como parte da etapa metodológica, expus algumas das teorizações de Jurij Lotman com o intuito de ampliar as discussões e compreensões acerca das relações estruturais existentes entre as linguagens da arte e da religião<sup>1</sup>. Diante disso, no caso do presente artigo, a hipótese que será verificada a partir dos pressupostos que serão aqui expostos é que ambos os autores, em suas teorizações, complementam-se nos resultados alcançados.

No livro “The Structure of the Artistic Text”, Lotman não pretendeu aprofundar uma investigação sobre a questão da inerente necessidade da arte, mas na organização interna do texto artístico e na função social deste.<sup>2</sup> Ele entende que toda e qualquer interação com o meio, processo em que o ser humano está inevitavelmente inserido, implica em recepções e deciframentos de informações, onde os signos se convertem em meios de comunicação.

Em consonância, Aleksei Semenenko, que revisa as teorias de Lotman e, de maneira geral, as da Escola de Semiótica Tartu-Moscovo no livro “The Texture of Culture: An Introduction to Yuri Lotman’s Semiotic Theory”, entende que da mesma maneira que a semiótica desenvolvida no ocidente, a semiótica e o formalismo russo e soviético se orientam pela abordagem interdisciplinar e holística da cultura, principalmente após os estudos de Lotman, assim como enfocam a compreensão e investigação do ser humano como um mecanismo que opera signos.<sup>3</sup>

De fato, para Lotman, qualquer sistema que facilite a comunicação entre dois ou mais indivíduos, isto é, que media esta operação de signos, pode ser considerado uma linguagem.<sup>4</sup> Por isso as línguas naturais, a arte, o mito e a cultura, por exemplo, são considerados sistemas comunicativos e, propriamente, linguagens. No entanto, isso não implica que são a mesma coisa ou que se estruturam da mesma forma, ainda que, indubitavelmente, interrelacionem-se. A arte, por exemplo, é considerada um sistema de

---

<sup>1</sup> COSTA, H. H. M., A Aurora da Cultura Amazônica, p. 34.

<sup>2</sup> LOTMAN, J., The Structure of the Artistic Text, p. 3.

<sup>3</sup> SEMENENKO, A., The texture of culture, p. 17.

<sup>4</sup> LOTMAN, J., The Structure of the Artistic Text, p. 7.

modelagem das línguas naturais, constituindo e provocando os sentidos e significados na comunicação.<sup>5</sup>

Nos estudos da cultura e das linguagens, em que as reflexões de Paes Loureiro se debruçam, a abordagem a partir da categoria de sistemas parece ser profícua, não apenas por iluminar o processo hierárquico e dialético das funções, que são entendidas pelo paraense como elementos estruturantes dos sistemas comunicativos, mas também parece ser uma alternativa para que se evite um reducionismo das estruturas sistêmicas que se interligam durante esse processo de significação, isto é, nas dinâmicas linguísticas do ser humano.

Além da possível abstração gerada pela ideia de sistemas dentro de sistemas (ou sistemas sob sistemas) e suas múltiplas expressões de funções, para Paes Loureiro, a complexa dinâmica de atribuição ou geração de significado é precedida, ou pelo menos simultânea, ao acionamento de diversos sistemas integrados: cultura, imaginário e linguagens, que no processo comunicativo implicam nas múltiplas recepções dos signos sob diferentes funções (da arte, da religião etc.) que se interpõem hierarquicamente.

Perceberemos que tanto para Lotman quanto para Paes Loureiro, as linguagens, no âmbito sistêmico da cultura, podem ser consideradas sistemas semióticos abertos e não estáticos, compostos por funções abertas e dinâmicas, ainda que no caso do paraense se buscou uma melhor compreensão e explanação das funções específicas e, efetivamente, dos elementos significativos, e no caso do russo se almejou compreender os elementos estruturantes da relação entre a linguagem e o texto artístico, isto é, entre a linguagem e a obra de arte.

## 1. Religião e arte como sistemas secundários modelizantes

Em primeiro lugar, nota-se que, para Lotman, existem pelo menos três tipos de linguagens que se diversificam entre si e internamente, e que se interrelacionam: as línguas naturais, as artificiais e as secundárias.<sup>6</sup> Todas funcionariam como códigos (conceito proveniente dos estudos em Teoria da Informação) interligados e compartilhados no sistema dinâmico da cultura. Por isso, à luz da semiótica da cultura, o conceito de linguagem pode se referir: a sistemas integrais de comunicação, quando em relação as línguas naturais; a sistemas de signos em relações invariáveis, referente às linguagens artificiais, as quais apresentam certa constância no processo de decodificação; e, por fim, a sistemas de modelagem, no caso das linguagens secundárias, que se diferenciam, entre outras coisas, por serem geradoras de linguagens.

Nesse sentido, toda linguagem possui signos que compõem, em certa medida, seu vocabulário, possuem algumas regras para a combinação deles e uma estrutura hierárquica.<sup>7</sup> Mas Lotman almejava estabelecer uma diferenciação dos aspectos singulares que fazem da arte uma linguagem de tipo especial, visto que, muitas vezes, sua recepção recai, inúmeras vezes, em uma espécie de desentendimento, em que “nem toda mensagem

---

<sup>5</sup> LOTMAN, J., The Structure of the Artistic Text, p. 8-9.

<sup>6</sup> LOTMAN, J., The Structure of the Artistic Text, p. 9

<sup>7</sup> LOTMAN, J., The Structure of the Artistic Text, p. 8.

é apreendida”.<sup>8</sup> Afirma que a “arte é um sistema secundário modelizante”<sup>9</sup> e que faz mais do que apenas usar a língua natural (o mais antigo e mais forte sistema de comunicação da coletividade humana<sup>10</sup>) como matéria prima, visto que possui uma estrutura em que todos seus elementos se configuram como elementos significativos.

Há diferenças, entretanto, entre a linguagem e o texto artístico, propriamente dito, que não se reduz à clássica distinção entre forma e conteúdo. Para Lotman, essa separação seria uma espécie de redução, pois se observa a forma como algo externo que carrega um conteúdo no interior, quando, na verdade, a própria forma pode carregar informações, em diferentes proporções.<sup>11</sup> Ora, não seria essa, também, uma crítica que o concretismo, ao qual Paes Loureiro é identificado como um dos expoentes,<sup>12</sup> também realiza e, de fato, hiperboliza? Diz-nos Benedito Nunes, no prefácio das *Obras Reunidas* de Paes Loureiro, que “radical era o projeto desse movimento: emancipar a poesia do verso, liberada a sintaxe lógico-discursiva, em benefício da concentração semântica visual das palavras e de suas associações no espaço gráfico que as circunda”.<sup>13</sup>

Assim sendo, a diferença entre os conceitos de linguagem e de texto para Lotman recai na universalidade do primeiro, como “modelo do universo”, e na individualidade do segundo. O texto seria, de fato, a obra de arte, com a capacidade de expressar as características estéticas e constitutivas do criador, assim como reproduzir um modelo do universo, fato que deriva da linguagem escolhida, sob circunstâncias diversas (época, cultura etc.), no ato criativo. Por isso, seria mais fácil entender uma obra de arte quando a linguagem artística é mais facilmente revelada.<sup>14</sup> Cabe reiterar que cada linguagem artística tem elementos gerais, pelo fato de se constituírem como linguagens, mas também possuem elementos que fazem delas linguagens próprias e singulares.

Semenenko<sup>15</sup> destaca que, para Lotman, o texto, centro da atividade semiótica e, portanto, comunicativa (que pode ser, de maneira simplificada, entendida como os processos de emissão e recepção), ainda que, idealmente, tenha a função de transmitir informação de maneira adequada, sempre lida com a impossibilidade de uma adequação completa. No âmbito da cultura e, especificamente, com linguagens secundárias, toda transferência de informação implica em uma tradução, quando a mensagem é transformada e são gerados novos textos, enquanto a maioria dos sistemas artificiais, ainda que não estejam livres de “ruídos”, buscam se limitar a apenas uma interpretação e buscam o máximo de precisão possível. Para Semenko, nesse último caso, os textos gerados possuem certa identidade em comum e no caso das traduções possuem uma espécie de equivalência assimétrica.

A partir disso, é possível concluir que a informação é transmitida e traduzida a partir da decodificação do texto no processo de comunicação. É fato que o conceito de informação está “historicamente e terminologicamente ligada à cibernética e à teoria da

<sup>8</sup> “Not every message is apprehended”, LOTMAN, J., *The Structure of the Artistic Text*, p. 12, tradução nossa.

<sup>9</sup> “Art is a secondary modeling system”, LOTMAN, J., *The Structure of the Artistic Text*, p. 9, tradução nossa.

<sup>10</sup> LOTMAN, J., *The Structure of the Artistic Text*, p. 9.

<sup>11</sup> LOTMAN, J., *The Structure of the Artistic Text*, p. 18.

<sup>12</sup> SILVA, N. C. L., *As formas do mito nos cantares amazônicos do poeta João de Jesus Paes Loureiro*, p. 11.

<sup>13</sup> LOUREIRO, P., *Obras reunidas*, p. 3.

<sup>14</sup> LOTMAN, J., *The Structure of the Artistic Text*, p. 16.

<sup>15</sup> SEMENENKO, A., *The texture of culture*, p. 27.

informação”,<sup>16</sup> mas, no caso da semiótica, relaciona-se à produção de sentido/significado. Uma ressalva é necessária: a informação transmitida por uma linguagem artística é de tipo especial porque ela possui um “sistema inerente de signos e regras que regem sua combinação, que servem para transmitir mensagens especiais, não transmissíveis por outros meios”.<sup>17</sup> No caso da literatura, por exemplo, transformam-se línguas naturais em linguagens secundária próprias, hierarquizando-as e provocando as múltiplas possibilidades de interpretação, dependendo da proporção da compreensão de cada indivíduo, o que, para Lotman, não ocorreria em linguagens não-artísticas.

A partir da teorização do russo, Paulo Nogueira propõe uma abordagem semiótica e cognitiva para a área chamada Linguagens da Religião.<sup>18</sup> Primeiramente, diferencia esta área das pesquisas teológicas que articulam mídia e comunicação com enfoque nos estudos de comunicação religiosa ou cristã, mas a identifica com a investigação de aspectos mais elementares da religião e de sua estrutura linguística. Assim como no caso da arte, para o russo, Nogueira entende que a religião configura um sistema modelizante de segundo grau que supera a dicotomia entre forma e conteúdo, como vimos.

Esses sistemas secundários, que são criados, constituídos e aprendidos, compõem os sistemas híbridos e políglotas das culturas. Portanto, no âmbito cultural, ocorre a sobreposição desses diferentes códigos em tensão que propiciam a criação de novos textos e linguagens, assim como há a recepção de textos sob novas configurações ou funções, conforme entende Paes Loureiro. Na prática, há uma produção infinita de textualidade porque os códigos dos textos e o código dos receptores se articulam na produção de significado nos processos comunicativos. Por isso, diz Nogueira que “esse é o equívoco dos fundamentalismos: atribuir aos textos religiosos a pobreza semiótica das linguagens monossêmicas, como se fossem manuais. Trata-se de um olhar essencialmente moderno sobre a poeticidade da religião”.<sup>19</sup>

A partir disso, podemos compreender a arte e a religião como pertencentes a um mesmo nível linguístico de modelagem, isto é, como linguagens secundárias, fato que auxilia e complementa a compreensão de Paes Loureiro acerca da religião, como veremos. Nesse sentido, fica evidente que ambas as linguagens possuem algumas estruturas em comum, que Nogueira categoriza como gestos, imagens e narrativas, além de características distintivas que compartilham, tais quais a ficcionalidade, o poder instaurador da realidade, e o grotesco, em que há uma impossibilidade de sua inteira definição, “pois ele é constituído pela quebra de fronteiras, desrespeito às classificações, montagem de uma imagem a partir de partes não pertinentes”.<sup>20</sup>

Entretanto, frisa-se que a arte e a religião não se assemelham apenas em elementos na estrutura. Lembremos que não há uma separação definitiva (apenas heurística) entre estrutura e conteúdo na comunicação, por isso os textos emitidos e recepcionados por ambas as linguagens possuem profunda relação: temos danças, pinturas, rituais, poemas,

<sup>16</sup> “Historically and terminologically linked with cybernetics and information theory”, SEMENENKO, A., *The texture of culture*, p. 32, tradução nossa.

<sup>17</sup> “Inherent system of signs and rules governing their combination which serve to transmit special messages, nontransmittable by other means”, LOTMAN, J., *The Structure of the Artistic Text*, p. 21, tradução nossa.

<sup>18</sup> NOGUEIRA, P. A. S., *Religião e linguagem*, p. 241-242.

<sup>19</sup> NOGUEIRA, P. A. S., *Religião e linguagem*, p. 253-254.

<sup>20</sup> NOGUEIRA, P. A. S., *Religião e linguagem*, p. 257.

entre outras coisas, tanto na arte quanto na religião. Veremos adiante em que medida Paes Loureiro cria uma teoria para explicar o processo de constituição das linguagens e códigos; como estes se articulam nos processos comunicativos; e, prioritariamente, como a religião se configura, como linguagem, na cultura.

## 2. Prelúdio à semiótica de Paes Loureiro

As teorizações de Paes Loureiro, cuja maior parte do conteúdo pode ser encontrado em sua tese de doutorado, “Cultura Amazônica: uma Poética do Imaginário”, e na obra “A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura”, são resultado da articulação entre a experiência cultural, acadêmica e reflexiva do autor e o estofamento teórico de diversos autores integrados às discussões formalistas, estruturalistas, semióticas e fenomenológicas, por exemplo, em que são abordados diversificados elementos da cultura, arte, imaginário e religião da Amazônia, a partir de sua circunstância cabocla/ribeirinha.

Na verdade, o pensamento teórico de João de Jesus Paes Loureiro é bastante abrangente, de modo que reflete tanto sobre os elementos constitutivos da cultura que faz parte, quanto sobre as categorias e processos linguísticos que promovem a significação desses elementos. Por esse motivo, muitas vezes reflete de modo imprescindível acerca do que atribuímos, metonimicamente, como religião, simultaneamente às reflexões que faz sobre a própria prática artística e, de maneira geral, sobre os processos que compõem os sistemas linguísticos e culturais da Amazônia. Em síntese, essa teorização remete tanto a uma espécie de gênese e constituição da experiência religiosa dos sujeitos desse contexto, quanto à dinâmica de funcionamento e estruturação da religião e suas demais relações, como linguagem, nesse tecido cultural.

Assim sendo, a tese de doutorado do autor paraense apresenta algumas imagens conceituais criadas para explicar a experiência do caboclo, sujeito amazônico, que vive em um ambiente de profundo contato com natureza exuberante, e dos processos criativos e eficazes de relação com esse meio. Trata-se de uma cultura singular, viva e em evolução, entendida por Paes Loureiro como uma espécie de *bildung* amazônica,<sup>21</sup> onde o imaginário liga-se à natureza em um profundo estado de maravilhamento e estranhamento. Taís Carvalho destaca que o autor abaetetubense, em sua tese de doutorado, também percebe duas realidades qualitativamente diferentes: a da cidade e a do interior. Essa segunda, grávida de natureza mítica,<sup>22</sup> cria condições para o devaneio, a descoberta do mundo pelo estranhamento,<sup>23</sup> e fecunda o imaginário amazônico. É, ainda, presumível que é nesse estado de devaneio que se constitui o berço da religião segundo o pensamento de Paes Loureiro.

Por isso, Paes Loureiro expõe uma característica que indica ser fulgurante na cultura amazônica: a esteticidade. Esta, por sua vez, é entendida como “função essencial ao homem, vetor de identidade numa sociedade dispersa, fortalecedora dos entrelaçamentos da comunidade”,<sup>24</sup> assim como se relaciona aos processos de produção de conhecimento. Isso reflete uma espécie de crítica à objetividade ou a heranças positivistas e racionalistas acerca

<sup>21</sup> LOUREIRO, J. J. P., Cultura Amazônica, p. 18-19.

<sup>22</sup> CARVALHO, T. S., Mito, linguagem e verdade na poesia encantada de João de Jesus Paes Loureiro, p. 85.

<sup>23</sup> CARVALHO, T. S., Mito, linguagem e verdade na poesia encantada de João de Jesus Paes Loureiro, p. 89.

<sup>24</sup> LOUREIRO, J. J. P., Cultura Amazônica, p. 13.

do processo de entendimento humano, o qual, para o paraense, relaciona-se a “um conhecer cheio de *a priori* conceituais ou antecipado pela fantasia”.<sup>25</sup>

Na ocasião dessa pesquisa, como reitera o autor diversas vezes, buscou-se evidenciar a esteticidade nutrida pelo devaneio, que fecunda o imaginário da cultura amazônica, assim como privilegia a análise de uma função poética dessa cultura. Claramente categorias estas que parecem derivar das reflexões do autor como “poeta, professor de estética e pesquisador da cultura”<sup>26</sup> e que entende a arte como vetor de emoção estética e sociabilidade.

Por ora, é cabível presumir que a esteticidade, associada ao estado de maravilhamento e estranhamento do caboclo, está integrada ao constante processo de transfiguração e significação dos fatos culturais durante o trajeto antropológico desses sujeitos. De fato, a esteticidade parece ser um dos fatores constitutivos da estrutura dos sistemas linguísticos secundários da cultura amazônica, isto é, ela parece atuar, de forma prioritária, no processo de decodificação, criação e interpretação dos signos que se expressam para os indivíduos desses ambientes, talvez como aspecto singular/identitário dessa cultura.

O autor paraense também reflete sobre estética a partir dos textos de seu orientador de doutorado Michael Maffesoli,<sup>27</sup> que a pensa como vetor de religião social e fator de uma ética, fato percebido e evidenciado por Paes Loureiro no contexto da Amazônia, onde há sociabilidades que convergem nas múltiplas cadeias de significações regidas por um imaginário predominantemente poético-estetizante. Ademais, os signos, elementos linguísticos que se expressam para os seres humanos, transfigurados ou traduzidos a partir do processo simbólico e comunicativo, são associados, por Paes Loureiro, aos próprios objetos estéticos, conforme a conceituação de Jan Mukarovsky.<sup>28</sup> Isto é, constitui o elemento que se torna sensível aos receptores que vivenciam determinadas culturas, que por isso são percebidos sob determinadas dominantes. Logo, a esteticidade está ligada às “matrizes de pensamento registrados na memória social de grupos humanos”,<sup>29</sup> fato que funda a cultura e as identidades culturais.

Assim sendo, Paes Loureiro adiciona, ainda, uma camada da cultura não vislumbrada por Lotman: o imaginário. Dimensão esta entendida como uma estrutura antropológica mediadora das relações entre os seres humanos e a realidade. Percebe, ainda, a partir de Gilbert Durand, que essa estrutura não se dissocia do plano da consciência e de processos racionais, de modo que concorda com a ideia exposta pelo francês no livro “As Estruturas Antropológicas do Imaginário”:<sup>30</sup> trata-se de um elemento fundamental da cultura. Na verdade, pode-se conjecturar que essa estrutura também constitui um sistema semiótico/linguístico, conforme a definição de Lotman, visto que passa por um processo dinâmico e não-estático de construção, durante o trajeto antropológico dos indivíduos, e atua na identificação de signos e na subsequente produção de sentido destes. Soma-se aqui a compreensão de que a esteticidade molda essa estrutura no âmbito da Amazônia.

<sup>25</sup> LOUREIRO, J. J. P., Cultura Amazônica, p. 14-15.

<sup>26</sup> LOUREIRO, J. J. P., Cultura Amazônica, p. 18.

<sup>27</sup> MAFFESOLI, M., Au Creux des Apparences, p. 25-35.

<sup>28</sup> MUKAROVSKY, J., Escritos sobre estética e semiótica da arte, p. 19.

<sup>29</sup> LOUREIRO, J. J. P., Cultura Amazônica, p. 37.

<sup>30</sup> DURAND, G., As estruturas antropológicas do imaginário, p. 34.

A partir da análise dessa singularidade do imaginário amazônico e de sua constituição e funcionamento prático, Paes Loureiro conjugou duas imagens conceituais: a de dominante e a de função, respectivamente, de Roman Jakobson e de Jan Mukarovsky. Em síntese, a dominante se constitui como elemento destacado em um conjunto sistêmico (por isso, insiste-se aqui nessa terminologia), o qual provoca a reorganização dos demais elementos subordinados. Os elementos conjugados, nesse caso, relacionam-se à noção de função em Mukarovsky, o qual percebe a transitoriedade delas no plano dos signos e significados, mas que, ainda assim, atribui essas funções especificamente à obra artística, ao texto e seu caráter multifuncional.

Mukarovsky entende que a obra de arte pode expressar função prática, teórica (ou cognitiva), mágico-religiosa e estética.<sup>31</sup> Porém, Paes Loureiro alarga essa noção para entender elementos que compõem o que seriam funções das linguagens, da cultura e, portanto, funções próprias de sistemas semióticos. Assim, faz possível indicar a dominante da cultura amazônica como estética, assim como percebe a dinâmica de rehierarquização das dominantes no processo diversificado de produção e transfiguração de sentido dos objetos culturais, do mesmo modo que Lotman percebeu a profunda relação de desentendimento dos textos artísticos, isto é, a infinita possibilidade de (re)interpretação.

Analisando os modos de funcionamento dinâmico desse imaginário amazônico, a forma como se entende e vive a realidade, Paes Loureiro reelabora o conceito de *sfumato*, conjugando as categorias anteriores. Diz ele que:

esse conceito tem sua origem na teoria e prática artísticas de Leonardo da Vinci sobre a pintura. O *sfumato* (esfumado) é a fusão dos personagens do quadro com a natureza, resultando em algo que confere uma unidade profunda ao trabalho e uma relação de empatia entre a natureza humana e a natureza cósmica. (...) É uma espécie de passagem do mundo físico para o imaginário; transição fenomênica do real para o poético.<sup>32</sup>

Logo, trata-se de uma transição imaginal do real para o poético, causado pelo devaneio humano, que causa a interpenetração do mundo real com o surreal/irreal “criando uma zona difusa na qual a imaginação e o entendimento reproduzem o jogo que possibilita a existência da beleza, tal como sobre ela se manifesta Kant, em sua *Crítica do Juízo*”,<sup>33</sup> a fusão da realidade e imaginação em uma realidade única.

É possível notar diversas interconexões dessas teorizações com os processos linguísticos envolvidos nos fenômenos religiosos. Por exemplo, as estruturas do imaginário, construídas dinamicamente nas trajetórias antropológicas, parecem mediar, não só a experiência artística, mas também as experiências religiosas e a forma como a religião emerge nessas singularidades culturais. Há uma clara similaridade desta última com a experiência de *sfumato*, afinal a religião provoca, igualmente, uma percepção co-real ou uma ruptura com a homogeneidade do mundo, tal qual entendia Eliade.<sup>34</sup>

<sup>31</sup> MUKAROVSKY, J., Escritos sobre estética e semiótica da arte, p. 19.

<sup>32</sup> LOUREIRO, J. J. P., Cultura Amazônica, p. 41.

<sup>33</sup> LOUREIRO, J. J. P., Cultura Amazônica, p. 41-42.

<sup>34</sup> ELIADE, M., O sagrado e o profano, p. 17.

## 2.1. Religião e Conversão Semiótica

A partir da percepção dessas características, foi possível o autor elaborar, ainda na tese, o conceito de conversão semiótica, central no que chamo de uma semiótica da cultura amazônica em Paes Loureiro. Diz ele que,

Ao lado desses conceitos-chave, eu proponho, de minha parte, o conceito de conversão semiótica, como o movimento de uma passagem pela qual as funções se reordenam e se exprimem em uma outra situação cultural. A conversão semiótica significa o quiasmo de mudança de qualidade simbólica em uma relação cultural, no momento em que ocorre essa transfiguração. Pode-se observar esse fenômeno, por exemplo, na criação artística, no trajeto antropológico ou mesmo no processo de anomia. Procuraremos demonstrar, por ora, na cultura amazônica, a conversão semiótica para o poético, segundo a qual as funções se reordenam e se exprimem pela forma ressimbolizada e sobre a qual recai a contemplação.<sup>35</sup>

A aproximação de Lotman com a teorização de Paes Loureiro não só se faz profícua porque os dois partem, também, das reflexões formalistas (ou estruturalistas), mas porque o russo entende que a comunicação é o elemento central da linguagem pelo qual se estabelecem outras funções.<sup>36</sup> E é nessa dimensão, onde existem, como vimos sinteticamente, as relações de emissão-recepção, que a teoria de Paes Loureiro compreende o modo que esse processo comunicativo de linguagens secundárias se estrutura. Porém, em primeiro lugar, entendo que a conversão semiótica implica, ao se manifestar ao longo de toda a existência dos indivíduos, na própria atitude criativa e, portanto, poética da humanidade, que o autor pensa como, de fato, uma das qualidades distintivas da nossa espécie.<sup>37</sup>

Vale ressaltar que é na obra “A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura”, de 2007, que Paes Loureiro desenvolve e operacionaliza de forma mais concisa esse conceito. Nessa ocasião, destacou que os indivíduos estão envolvidos em diferentes formas de relações com os elementos culturais, nas diversas sociedades, que se expressam como signos linguísticos. Na lógica de Gilbert Durand, os signos são arbitrários,<sup>38</sup> mas para o poeta abagetubense a relação com eles implica em processos receptivos e simbólicos ligados a uma atividade cognitiva, que provoca uma constante ressignificação em decorrência das trajetórias socioculturais dos sujeitos.

Logo, na ótica de Paes Loureiro nenhum signo, na cultura, é desvaído de sentido, mas são apenas ressignificados nas diferentes situações. E isso é justificado à medida que ele entende que, na Amazônia, o caboclo é circunscrito por uma experiência de maravilhamento e estranhamento, já explicitados, que promovem uma espécie pensamento simbólico movido pelo devaneio. Desse modo, as práticas contemplativas dos ribeirinhos e os modos de relações que estabelecem com os signos provocam um acionamento e uma reorganização das funções que são atribuídas aos objetos. Vê-se, nessa lógica, que o significado equivale, de fato, às funções atribuídas pelos sujeitos e, por esse motivo, Paes

<sup>35</sup> LOUREIRO, J. J. P., *Cultura Amazônica*, p. 43.

<sup>36</sup> LOTMAN, J., *The Structure of the Artistic Text*, p. 7-8.

<sup>37</sup> LOUREIRO, J. J. P., *A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura*, p. 18.

<sup>38</sup> DURAND, G., *As estruturas antropológicas do imaginário*, p. 29.

Loureiro entende que o ser humano vive em um processo de criação e reordenamento constante de símbolos, no âmbito cultural, fato que dá sentido a sua existência.<sup>39</sup>

Naturalmente, a realidade não é a mesma para todos, cada ser de organismo diferente constitui, em decorrência dessa condição simbólica, mundos, experiências e, segundo Lotman, conforme supracitado, linguagens próprias que não são inteiramente transferíveis para outros. Paes Loureiro acrescenta, nesta obra, a perspectiva de Ernst Cassirer,<sup>40</sup> que entende que além de um sistema receptor e sistema de reação, como métodos de adaptação ao meio, o ser humano se distingue por ter um sistema simbólico. Ao não mais responder apenas à estímulos de forma direta, mas de forma diferida e pensada, Cassirer pensa que o ser humano cria uma nova dimensão da realidade por meio de um processo simbólico interrupto e que vive, então, em um universo físico e simbólico.<sup>41</sup>

Claramente, o conceito de *Sfumato*, já exposto anteriormente, tem profunda semelhança com a perspectiva de Cassirer, de forma que o sistema simbólico funcionaria como um componente essencial da estrutura do imaginário, que por sua vez promove a atmosfera co-real. No entanto, parece-me que o autor paraense acrescenta uma singularidade circunscrita à cultura que faz parte: o ser humano da Amazônia cria uma realidade única (não implicando, necessariamente, a pluridimensionalidade que Cassirer entendia), nessa passagem do mundo físico para o imaginário.

De forma mais lapidar, Paes Loureiro percebe que esse processo receptivo de signos culturais é precedido, sobretudo, pela constituição do imaginário no trajeto antropológico, social e cultural dos indivíduos e que, no pensamento de Durand,<sup>42</sup> representa o fundamento da vida psíquica e a organização da dinâmica de significação. Logo, para que ocorra o processo de atribuição de sentido, a história sociocultural dos indivíduos e as formas de relação que estabelecem com os signos, moldam o imaginário e, por isso, condicionam a percepção da realidade. Por isso que o poeta diz que a partir dessa “condição simbolizadora, o homem percebe e abre o real com seu clavenário simbólico”.<sup>43</sup>

O significado do termo “clavenário simbólico”, como uma espécie de sinônimo para o imaginário, é explicado pelo autor em mais de uma ocasião, mas tomaremos aqui a resposta dada na entrevista denominada “Encantaria da Linguagem”, de 2002. Nessa ocasião, diz que se trata do “lugar onde estão as chaves da compreensão do ser”,<sup>44</sup> assim como é “provavelmente, (...) a dimensão poética do ser, na medida em que o imaginário é o que atribui ao ser a sua dimensão, a do devaneio, da poesia, do sonho, da sobrenaturalidade”.<sup>45</sup> Por meio disso, é possível concluir que é pelo intermédio do imaginário, como talvez um recipiente de linguagens, que se configuram as experiências culturais e que essa instância funciona como um sistema de modelagem linguístico.

Diz-nos Paes Loureiro que a recepção dos objetos “sob uma outra configuração simbólica, culturalmente legitimada, converte o objeto no outro de si mesmo”.<sup>46</sup> É

<sup>39</sup> LOUREIRO, J. J. P., A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura, p. 11.

<sup>40</sup> CASSIRER, E., Antropologia filosófica, p. 47.

<sup>41</sup> CASSIRER, E., Antropologia filosófica, p. 47-48.

<sup>42</sup> DURAND, G., As estruturas antropológicas do imaginário, p. 34.

<sup>43</sup> LOUREIRO, J. J. P., A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura, p. 35.

<sup>44</sup> LOUREIRO, J. J. P., Encantaria da linguagem, p. 148.

<sup>45</sup> LOUREIRO, J. J. P., Encantaria da linguagem, p. 148.

<sup>46</sup> LOUREIRO, J. J. P., A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura, p. 15.

evidente que o mesmo processo de transfiguração dos objetos está presente nas experiências religiosas e, de maneira geral, nas demais experiências culturais. O autor, em mais de uma ocasião, exemplifica isso a partir da consagração litúrgica da santa ceia, quando “o pão se transforma em corpo de Cristo e o vinho, em sangue”.<sup>47</sup> Diz, ainda, que “não se trata de uma transformação visível, mas de uma relação transformadora de caráter cultural, legitimada espiritualmente pela fé”.<sup>48</sup>

O teórico paraense vislumbra, em diversos exemplos, esse processo com muita clareza: “uma imagem de santo da época barroca, em uma igreja, por exemplo, tem como função dominante a mágico-religiosa e em última, a científica”.<sup>49</sup> No município de Oriximiná, no Pará, o círio acontece de forma fluvial, pelo rio Trombetas, e, também, pelas ruas da cidade circundadas por esse rio. Por um lado, o autor entende que durante procissão aquática a dominante é estética etnocenográfica, que atrai olhares e provoca um estado contemplativo, característico desses sujeitos amazônicos, como vimos na tese do poeta. Por outro lado, quando os peregrinos deixam os barcos, a dominante converte-se semióticamente em mágico-religiosa, o que é evidenciado à medida que a “admiração gratuita” se torna pura devoção e fé, e “os comentários eufóricos se transformam em preces e cânticos sagrados”.<sup>50</sup>

## Conclusão

Por fim, pode-se afirmar que o autor paraense explica a forma como os seres humanos constantemente atribuem e modificam os significados de sua realidade a partir de diversos sistemas linguísticos integrados, assim como indica uma maneira menos reducionista, assim penso, de investigar o que Jurij Lotman chamou de linguagens secundárias, como a arte e a religião. Isso porque é possível entender que os textos não reproduzem significados únicos e definidos, mas estão sujeitos ao procedimento individual e diversificado de conversão semiótica, ainda que possam existir similaridades nessas significações. Como vimos, Lotman atribui à arte e à religião um mesmo nível linguístico, não de importância, mas de formas de modelar um sistema primário (os idiomas, por exemplo), e é por meio dessa linha de pensamento que se pode deduzir que as mesmas capacidades estruturais (ainda que não o mesmo sentido funcional) atribuídas à arte, por Paes Loureiro, podem também ser estendidas à religião.

Além disso, o paraense também operacionaliza o conceito de conversão semiótica como forma de compreensão das conexões estabelecidas entre as linguagens da cultura, especialmente da arte e da religião. Entende que o “caráter poético do poema e do mito, (...), advém do fato de ambos emergirem do rio da linguagem, como troncos submersos em suas encantarias”.<sup>51</sup> Mas, se o que os singulariza, no interior das culturas, são suas múltiplas formas de atribuições e re-hierarquizações pelos sujeitos, pode-se afirmar que ambas são compreendidas como funções (encantarias) da linguagem, premissa fundamental dessa teorização.

<sup>47</sup> LOUREIRO, J. J. P., A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura, p. 49.

<sup>48</sup> LOUREIRO, J. J. P., A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura, p. 49

<sup>49</sup> LOUREIRO, J. J. P., A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura, p. 34.

<sup>50</sup> LOUREIRO, J. J. P., A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura, p. 41.

<sup>51</sup> LOUREIRO, J. J. P., A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura, p. 46.

Algumas das características em comuns, apontadas pelo teórico da Amazônia, entre as linguagens da religião e as linguagens artísticas foram brevemente introduzidas. Em primeiro lugar, ambas adquirem formas significantes, que pelo processo receptivo e criativo são percebidas como formas transfiguradas. Paes Loureiro acrescenta que, por esse motivo, ambas assumem a dimensão estética, implicada no poético, com caráter autorreflexivo e autoexpressivo. Por isso, mesmo que no caso do mito a dominante seja a função mágico-religiosa, a função estética continua exercendo um papel, porém sob este domínio: “como nada que está só está somente só, essas funções se complementam e se alternam hierarquicamente, acionadas por um movimento dialético de relações nos campos culturais”.<sup>52</sup>

As características das funções que as linguagens expressam, quando percebida sob determinadas dominâncias, são diversas. Pode ser, no caso do mito, com função mágico-religiosa dominante, a constituição do funcionamento de códigos sociais e morais ou a organização de um sistema de pensamento, enquanto em uma poesia, com a função estética dominante, pode passar a ser linguagem, prática significativa ou a organização dos valores de palavras.<sup>53</sup> A conversão semiótica do mito em poesia compreenderia, portanto, a substituição de algo significativo atribuído como fato natural ou social para uma significação puramente metafórica ou alegórica.

Entretanto, isso não parece algo definitivo, nem esgota a capacidade dessas linguagens, presumo que a arte possa assumir, em determinadas circunstâncias, as mesmas características funcionais que a religião, assim como o contrário pode acontecer. Então, a questão que emerge desse problema e que merece ser verificada parece ser a seguinte: o que faz a arte ser arte e a religião ser religião, se ambas se estruturam como linguagens secundárias modelizantes e, por vezes, expressam funções semelhantes? Afinal conseguimos, em grande medida, diferenciá-las no interior das vivências culturais.

### Referências bibliográficas

CARVALHO, Taís S. Mito, linguagem e verdade na poesia encantada de João de Jesus Paes Loureiro. **Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 13, n. 26, 2021.

CASSIER, Ernst. **Antropologia filosófica**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

COSTA, Hirlan H. M. da. **A Aurora da Cultura Amazônica**: aportes para uma teoria poética da religião em Paes Loureiro. Belém, 2024, 103 f. Dissertação. Faculdade de Ciências da Religião, Universidade do Estado do Pará.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LOTMAN, Jurij. **The Structure of the Artistic Text**. Ann Arbor: University of Michigan,

<sup>52</sup> LOUREIRO, J. J. P., A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura, p. 47.

<sup>53</sup> LOUREIRO, J. J. P., A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura, p. 47.

Department of Slavic Languages and Literatures, 1977.

LOUREIRO, João de J. P. **A conversão semiótica na arte e na cultura**. Belém: Editora Universitária UFPA, 2007.

LOUREIRO, João de J. P. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Belém, PA: Editora cultural brasil, 2019.

LOUREIRO, João de J. P. Encantaria da linguagem. **Revista Cronos**, v. 3, n. 1, p. 147-150, 2002.

LOUREIRO, João de J. P. **Obras reunidas** / João de Jesus Paes Loureiro. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **Au creux des apparences**. L'éthique de l'esthétique. Paris: Plon, 1988.

MUKAROVSKY, Jan. **Escritos sobre estética e semiótica da arte**. Lisboa: Estampa, 1988.

NOGUEIRA, Paulo A. S. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 14, n. 42, p. 240-261, 2016.

SEMENENKO, Aleksei. **The Texture of Culture**: An Introduction to Yuri Lotman's Semiotic Theory. London: Palgrave Macmillan, 2012.

SILVA, Nivaldo C. L. da. **As formas do mito nos cantares amazônicos do poeta João de Jesus Paes Loureiro**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2009.

**Hirlan Hermes Monteiro da Costa**

Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará

Belém / PA – Brasil

E-mail: hhirlan@gmail.com

Recebido em: 26/02/2024

Aprovado em: 01/07/2025